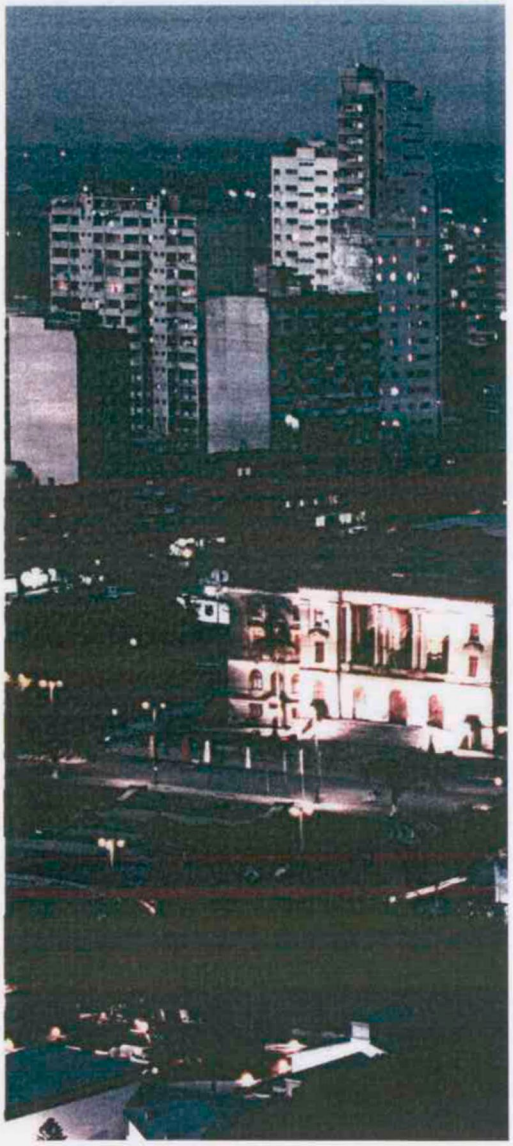
Expresso
12-05-2012 | Economia
Tiragem: 111760
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Informação Geral
Pág: 26
Cores: Cor
Área: 29,56 x 46,09 cm²
Corte: 1 de 3

Negócios Com Moçambique a crescer 7% ao ano há uma década, Governo e empresas portuguesas olham com interesse para este mercado

Moçambique é uma das chaves para sair da crise



Diplomacia económica aposta no país de Guebuza

ANABELA CAMPOS

Moçambique já não é apenas um destino de férias de sonho para muitos portugueses. É um país onde o crescimento tem sido sustentado e constante na última década e onde começam a surgir oportunidades de trabalho e de negócio para os portugueses.

O Governo colocou Moçambique no topo da agenda diplomática económica. Pedro Reis, presidente da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP), sublinha mesmo que Moçambique "é uma das chaves" para a saída da crise. Há 200 empresas moçambicanas com capital português e o interesse no país não para de crescer.

O reforço para três voos semanais da TAP — quatro no verão — e a quantidade de hotéis novos e de infraestruturas que têm surgido em Maputo nos últimos anos mostram bem como Moçambique está florescente. O país cresceu em média por ano 7% a 8% na última década. E o produto interno bruto (PIB) deverá aumentar 8% em 2013, um ritmo de crescimento que deverá manter-se nos anos seguintes.

É um desempenho invejável, apesar de o PIB de Moçambique ter rondado apenas os 12 mil milhões de dólares (€9,2 mil milhões) em 2011 e de metade do Orçamento do Estado ser financiado por doações. As recentes descobertas de gigantescas reservas de carvão e de gás natural puseram o país definitivamente no radar dos investidores. Moçambique poderá vir a ser o quinto maior produtor mundial de gás natural. E o potencial poderá não ficar por aqui, pois admite-se que também possa haver petróleo explorável.

Vizinho da África do Sul, a mais forte economia de África subsariana, Moçambique, em paz desde 1992, tem atraído nos últimos anos não só os já habituais investidores sul-africanos, mas também chineses, brasileiros e portugueses. Portugal foi em 2010 o maior investidor estrangeiro (€80 milhões) e o terceiro em 2011 (€74,7 milhões).

Fortalecer relações

As relações políticas e económicas entre Portugal e Moçambique fortaleceram-se nos últimos anos. Há 25 mil portugueses em Moçambique. A saída do Estado português da mítica barragem de Cahora Bassa, concluída recentemente, é vista como um sinal muito positivo. Os resultados deste bom relacionamento, cultivado também pelo Governo de José Sócrates, apesar de ainda incipientes, começam a revelar-se.

As exportações para Moçambique cresceram 44% em 2011, para €218 milhões, como sublinhou esta semana numa conferência em Lisboa o responsável pelo AICEP em Moçambique, Fernando Carvalho. Portugal é o 4º maior fornecedor de Moçambique — era o 9º em 2008 —, e este é o nosso 26º cliente. E mais de 50% das exportações portuguesas já são de intensidade tecnológica alta e média.

Não é costume, porém, Portugal liderar o pódio do investimento em Moçambique, um país que tem sido elogiado pela estabilidade política, pelo elevado nível de segurança social e económica e pelos níveis de corrupção baixos para a região. Quem mais investe é tradicionalmente a África do Sul, embora no ano passado a China — um parceiro muito importante para o Governo de Armando Guebuza, no poder desde 2005 — tenha sido o principal investidor. Suíça, Brasil, Holanda, Maurícias, Áustria e Índia também estão entre os grandes investidores. São os designados megaprojetos que absorvem o grosso dos investimentos, como é caso da fundição de alumínio Mozal, o gás natural de Sazol ou o carvão de Moatize. Mas nos últimos anos tem havido uma grande aposta na agricultura, construção, turismo e hotelaria.

HÁ 25 MIL PORTUGUESES EM MOÇAMBIQUE E 200 EMPRESAS MOÇAMBICANAS COM CAPITAL PORTUGUÊS. AS PME SÃO FORTES CRIADORES DE EMPREGO

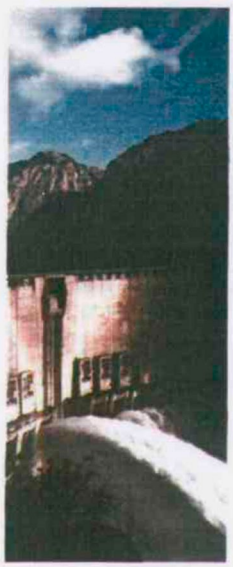
É na construção, nos serviços e no sector financeiro que Portugal tem dado mais cartas. As grandes construtoras, como a Visabeira, a Teixeira Duarte e a Mota-Engil, têm uma forte presença no país. A banca moçambicana é dominada por capital português: CGD, BCP, BES e BPI. A Galp, a Cimpor e a Portucel estão a fazer grandes investimentos. A produtora de pasta de papel prevê investir €1,7 mil milhões até 2025 e criar 7500 postos de trabalho. A presença de pequenas e médias empresas (PME) é relevante, com um impacto muito significativo no emprego.

A falta de mão de obra qualificada é um dos problemas que se apontam ao país. Com uma população ativa a rondar os 10 milhões de pessoas, mais de 80% trabalham na agricultura, pesca e floresta. É esmagador o peso da agricultura no emprego, apesar de só representar 26% do PIB. Praticam sobretudo uma agricultura de subsistência, onde a produtividade é baixa. Moçambique está a crescer, mas é ainda um dos 15 países mais pobres do mundo. Cerca de 53% da população vivem abaixo do limiar da pobreza. Para lhe fugir muitos emigram para a África do Sul — estima-se que haja um milhão de moçambicanos no país de Mandela.

O turismo, dominado pelos sul-africanos, é uma das forças do país. O número de turistas cresce de forma consistente. Em 2003 ficava-se pelos 726 mil, cinco anos depois já ascendia a 1,2 milhões e rendia €168 milhões. Portugal pode ter uma palavra a dizer nesta matéria.

acampos@expresso.impresa.pt

Cahora Bassa em mãos moçambicanas

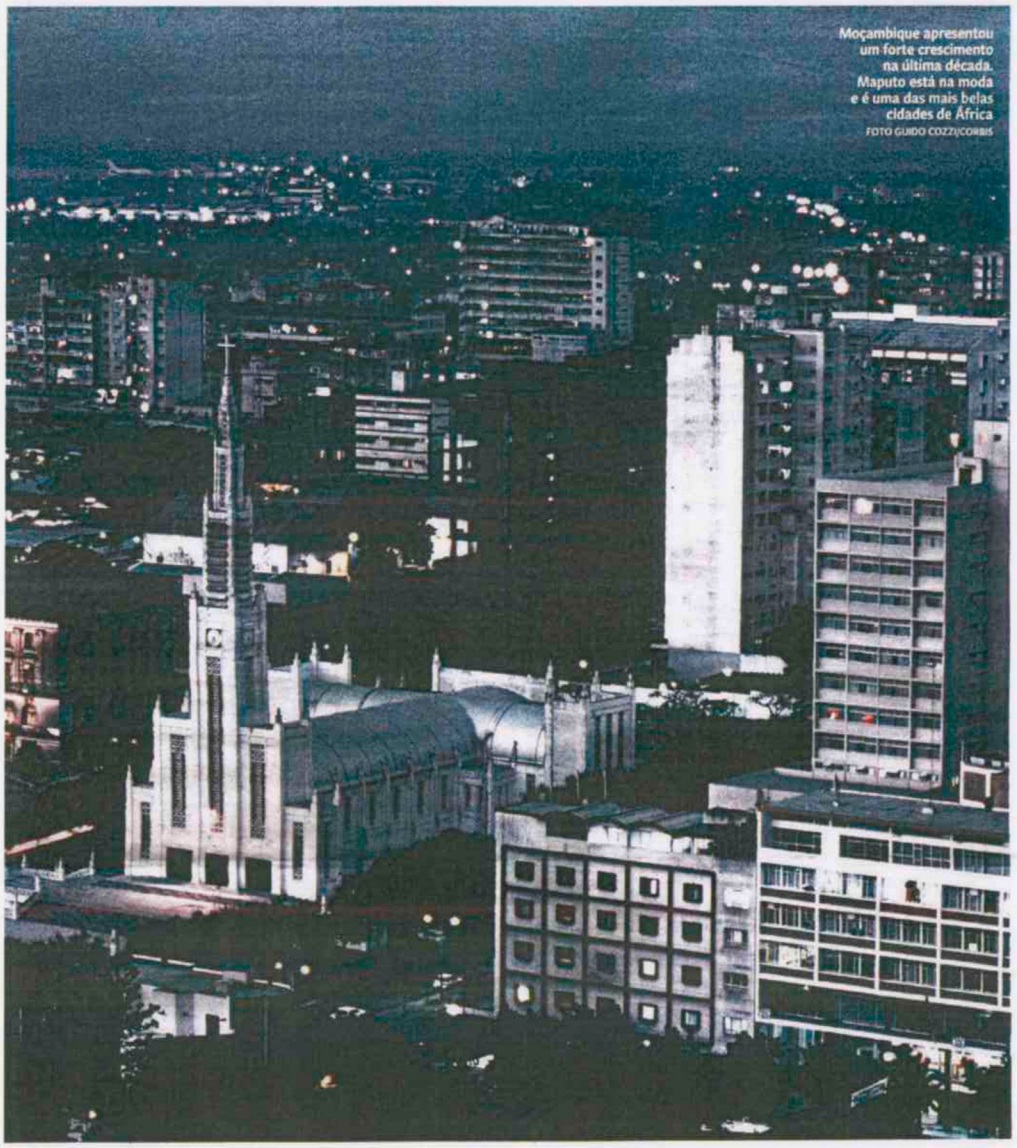


Símbolo tardio do império colonial português, a Hidroelétrica de Cahora Bassa (HCB), começou a ser construída em 1969, seis anos antes da independência. Manteve-se dominada pelo Estado português (82%) e era vista pelos moçambicanos como "um marco da dominação estrangeira de 500 anos", segundo o Presidente Armando Guebuza.
Em abril, o Estado português, numa cerimónia onde Passos Coelho e Guebuza estiveram presentes, desfez-se dos 15% que tinha na HBC, a segunda maior central do continente africano.
Há um novo horizonte para as relações Portugal-Moçambique. O dossiê foi aberto em 2002 por Durão Barroso, em 2006 José Sócrates vendeu a maior parte do capital e em 2012 Passos Coelho fechou-o.

Expresso
12-05-2012 | Economia
Tiragem: 111760
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Informação Geral
Pág: 27
Cores: Cor
Área: 30,10 x 46,00 cm²
Corte: 2 de 3

UM PROJETO Expresso BARCLAYS

Um país seguro para investir



Moçambique apresentou um forte crescimento na última década. Maputo está na moda e é uma das mais belas cidades de África
FOTO GUIDO COZZI/CORBIS

Moçambique tem um sistema fiscal semelhante ao português, e não exige parcerias com investidores locais, embora estas ajudem

Há 17 anos ligado a Moçambique, primeiro como advogado, depois como político e agora como investidor, Nuno Morais Sarmento explica que o tempo naquele país não bate certo com o do relógio. E, numa conferência dedicada às oportunidades empresariais em Moçambique, contava: "Há tempos tivemos um problema técnico numa máquina essencial para o negócio que temos na província de Ilhambane, e chamámos um profissional para resolver o assunto. Disse-nos: 'Vou já'. Apareceu 31 horas depois, como se o tivéssemos acabado de chamar. E para ele era natural que assim fosse." A imprevisibilidade é um dos contratempos de investir em Moçambique, um país de oportunidades — as mesmas que o social-democrata não se cansa de enumerar.

Há muitas oportunidades no sector energético. A REN já está no terreno, com 7,5% da Hidroelétrica de Cahora Bassa

Uma das vantagens para os investidores portugueses, diz, é definitivamente o facto de o sistema legal e o código das sociedades comerciais serem muito semelhantes ao português. Não obstante, há diferenças e umas das regras base para investir em Moçambique será consultar o Centro de Promoção de Investimentos (CPI) e as instituições locais, e evitar "soluções criativas", como explica o responsável pela AICEP em Moçambique, Fernando Carvalho.

Há, tal como em Portugal, apoios estatais para o investimento direto estrangeiro, essencial para uma economia como a moçambicana, onde a escassez de liquidez e de projetos infraestruturantes para o desenvolvimento do país é grande. O incentivo, que se estende à área fiscal e aduaneira, vai para sectores como a energia, agricultura, turismo, imobiliário, e entre outros, transportes e comércio e indústria nas zonas rurais. Portugal também tem instrumentos de apoio ao investimento estrangeiro: QREN, InvestimoZ, linhas de crédito.

Já não é só em Maputo que há crescimento. Têm sido feitos grandes investimentos em outras cidades, como a Beira, Tete, Pemba. Nas áreas rurais o apoio ao investimento é, aliás, maior.

Ao contrário de Angola, em Moçambique, explica Morais Sarmento, não é obrigatório ter parceiros locais. Mas há vantagens em tê-los, uma vez que conhecem bem o mercado e podem agilizar alguns processos. Moçambique é um dos países mais seguros de África Austral não só em termos de pessoas, como também de bens. E tendo em conta a estabilidade política, há quem defenda que hoje é mais seguro e previsível investir em Moçambique do que na vizinha África do Sul ou em Angola. O processo de sucessão de José Eduardo dos Santos e a tensão social em Angola poderá ser fonte de desestabilização no futuro. A.C.

PONTOS FORTES

- Mercado organizado, com uma localização estratégica que lhe dá acesso aos países SADC (África do Sul, Angola, Maurícias e, entre outros, Namíbia) e nessa sequência a 250 milhões de consumidores
- Estabilidade política e uma economia em crescimento sustentado há uma década
- Facilidade, rapidez e custos razoáveis na constituição de empresas
- Legislação não obriga à constituição de parcerias locais para operar
- Sistema jurídico e fiscal semelhante ao português
- Solidez do sistema financeiro e do Estado de Direito. Forte presença da banca portuguesa e mecanismos de incentivo ao investimento
- Classe média em crescimento e com aumento de poder de compra
- Facilidade de movimento de capitais, situação que deve ser tratada no início do investimento com o CPI
- O AICEP prevê que nos próximos 10 anos o investimento privado e público em Moçambique deverá ascender a 80 mil milhões de dólares

PONTOS FRACOS

- Mão de obra pouco qualificada
- A terra continua a ser propriedade do Estado, para usufruir dela é preciso ter um Direito de Uso e Aproveitamento da Terra (DUAT). A concessão é por um período de 50 anos e pode ser renovada apenas uma vez. O processo de concessão é por vezes moroso e pouco claro
- Há limites à contratação de mão de obra estrangeira, nomeadamente especializada. Para o fazer é necessário provar a inexistência dessas qualificações no mercado local
- Custos de logística elevados
- Lentidão da justiça. Evitar recorrer aos tribunais
- Elevado grau de informalidade da economia, o que desvirtua a concorrência
- Regulação pública incipiente
- Concorrência desleal por parte das empresas chinesas que por vezes entram no mercado sem cumprir todas as exigências legais

MOÇAMBIQUE

POPULAÇÃO (MILHÕES)	23,9
POPULAÇÃO COM MENOS DE 15 ANOS (%)	50
POPULAÇÃO ATIVA (MILHÕES)	10
TAXA ANALFABETISMO (%)	50,4
ESPERANÇA MÉDIA DE VIDA (ANOS)	49,4
TAXA MORTALIDADE INFANTIL (POR MIL)	118
MORTALIDADE POR MALÁRIA (%)	28,8
MORTALIDADE POR VIH/SIDA (%)	26,9
ÁREA TOTAL TERRESTRE (KM2)	799.380

PRINCIPAIS CIDADES (HABITANTES)

Maputo	1.850.000
Nampula	515.000
Beira	442.000
Chimoio	253.000

PIB EM 2011 (MIL MILHÕES DE DÓLARES)	12
CRESCIMENTO DO PIB EM 2011 (%)	7,3
PIB PER CAPITA EM 2011 (DÓLARES)	400
TAXA DE INFLAÇÃO EM 2011 (%)	8,1
DÍVIDA PÚBLICA EM 2011 (% PIB)	5,5
IDE EM 2008 (MILHÕES DE DÓLARES)	587
PESO DA AGRICULTURA (% PIB)	26
PESO DA AGRICULTURA (% EMPREGO)	80
EXPORTAÇÕES (MIL MILHÕES DE DÓLARES)	1,9
IMPORTAÇÕES (MIL MILHÕES DE DÓLARES)	3,0

PRODUTOS MAIS EXPORTADOS
Alumínio (54,7%), energia elétrica (8,3%), gás (5,7%), tabaco (5%), açúcar (2,7%) e algodão (1,8%)

PRODUTOS MAIS IMPORTADOS
Combustíveis (16,6%), bens de capital (14%), veículos automóveis (7%), cereais (5,3%), energia elétrica (3,2%) e medicamentos (1,3%)

FONTES: AICEP E THE ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT

Expresso

12-05-2012 | Economia

Tiragem: 111760
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Informação Geral

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 5,80 x 7,48 cm²
Corte: 3 de 3

CAMINHO DAS EXPORTAÇÕES

MOÇAMBIQUE É UMA DAS CHAVES PARA SAIR DA CRISE

A crescer mais de 7% ao ano na última década, é cada vez mais uma opção para a internacionalização das empresas portuguesas. Há 25 mil portugueses em Moçambique e 200 empresas moçambicanas com capital português E26